

RELATOS SOBRE O PROJETO DE ENSINO CULTURA E PATRIMÔNIO: DEBATES DE TEMAS E CONCEITOS E TRANSPOSIÇÃO DE SABERES

LUIZI LOPES¹; FLAVIA MARIA RIETH²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – luizilopes.o@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito apresentar como se desenvolveu o projeto de ensino *Cultura e Patrimônio: debates de temas e conceitos e transposição de saberes*. A proposta do projeto foi incentivar o debate sobre os conceitos de Cultura, Patrimônio, e suas relações de alteridade no contexto contemporâneo, de maneira multidisciplinar, focando na dinâmica de troca de saberes através de múltiplas experiências apresentadas por convidadxs. Esse intercâmbio entre professoras, convidadxs e alunxs tiveram o intuito de gerar ações práticas de transposição didática de saberes científicos para não acadêmicos. O exercício de transposição segundo MENEZES (2004) “[...] possibilita analisar a trajetória que se cumpre desde a produção do saber científico até o momento em que se transforma em objeto de ensino, [...] transformando-se, por fim, em um saber ensinado”.

Um movimento semelhante faz a antropologia como aponta WAGNER (2010) “Um antropólogo, experiência, de um modo ou de outro, seu objeto de estudo; ele o faz através do universo de seus próprios significados, e então se vale dessa experiência carregada de significados para comunicar uma compreensão aos membros de própria cultura [...]”

Esse processo de invenção da cultura mostra que, através da relação, o/a pesquisador/a aciona a criatividade para traduzir vivências resultadas do contato com “o outro”. Ou seja, praticar uma dinâmica de adaptação de um saber para novas linguagens afim de estabelecer uma relação dialógica e recíproca de conhecimento. Como ressalta FREIRE (1987) “Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros [...] Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.”

2. METODOLOGIA

O projeto ocorreu de forma virtual, em 12 encontros, de 2 horas cada, com a proposta de uma bibliografia reduzida e específica, para propiciar um período maior de tempo para alunxs realizarem suas atividades. Mas também, por fazer parte de um calendário alternativo durante uma pandemia mundial, momento bastante delicado tanto para estudantes, quanto para professorxs. As atividades propostas consistiam em conteúdos assíncronos como leitura dos textos indicados, realização de fichas elegendo os principais conceitos tratados em cada texto; assistir filmes e vídeos propostos, além da feita das transposições, que englobavam a criação de poemas ou músicas e uma elaboração visual, como

tirinha, colagem, desenho ou pintura. Essas obras deveriam ser baseadas nos projetos de pesquisas de cada estudante e transformadas em uma linguagem acessível, dispostas em um suporte artístico.

O projeto também contou com a participação de convidadxs de diferentes áreas via transmissão ao vivo e através de vídeos, conversando a respeito de temas como Transposição, Debates sobre Folclore, Patrimônio Imaterial, Registro do Ofício das Baianas do Acarajé, Memes, Tirinhas, Histórias em Quadrinho e Troca de Saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os diálogos com os conceitos de Cultura e Patrimônio, junto aos debates e trocas realizados no ambiente virtual, resultaram em diferentes trabalhos de múltiplas áreas, todos adaptados ao método da transposição de saberes. Textos e reflexões presentes no projeto foram transpostos em memes e tirinhas, geraram diferentes processos criativos envolvendo poesia, vídeo, desenhos, colagens. Os temas abrangeram tópicos como identidade negra, comunidade LGBTQIA+, mulheres e suas experiências dentro dos jogos online, críticas e observações sobre patrimônio, espaços da cidade, espaços domésticos, morfologias urbanas, experiências fronteiriças, corpos políticos, relações entre arqueologia e suas narrativas. Pesquisas diversas, mas que revelaram-se interligadas pelos conceitos trabalhados.

As apresentações do material produzido ocorreram nas últimas duas aulas, proporcionando momentos de trocas e muita emoção, por tratarem de temas importantes e executados com imaginação e sensibilidade. Essas produções começaram a ser divulgadas nas redes sociais do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos do curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (GEEUR) onde estão atingindo público plural e circulando entre diferentes grupos. As publicações contêm um ótimo engajamento, envolvendo reações positivas em relação ao material criado pelos estudantes do projeto. Marcações indicando amigos, comentários elogiando os trabalhos estão aparecendo com bastante frequência. Na publicação *“A invenção da Cultura”* em memes, onde foi transformada a linguagem textual presente no livro de Roy Wagner em memes por Cristiane Cardoso, houve uma série de interações como: *“Que legal! Adorei a forma descontraída que vocês usaram para explicar”* disse a usuária Luisa Plong. Na postagem *“Pelas Tramas da Fronteira”*, que mostra uma colagem visual traçando a lã, a imagem e o poema feitos por Helora Avila também apareceram diversas menções: *“Que trabalho maravilhoso! Muito sensível e potente!”* comentou Flor Ariza. Ocorreram comentários relacionando os temas das publicações com situações vividas na cidade de Pelotas, como foi o caso da tirinha realizada por Taís Beltrame onde ela aborda o processo de gentrificação do patrimônio — a retirada de múltiplos agentes que tinham lugares patrimonializados como local de trabalho. *“Maravilhosa reflexão e conteúdo. Fiquei pensando aqui em Pelotas no contraponto das doceiras no beco x a doceira no mercado público.”* disse Luana Detoni.

Através de um Formulário Google, entrevistamos todos participantes do projeto, com o objetivo de compreender como foi a experiência do ensino remoto; se foi importante visualizar as produções realizadas por colegas e como a proposta de transposição havia ajudado a pensar suas pesquisas. O corpo de integrantes do projeto contou com estudantes de diversas áreas entre elas Antropologia, Arqueologia, Turismo, Arquitetura e Urbanismo, História e Artes; variando entre graduandos e pós-graduandos.

As respostas ao questionário foram bastante otimistas, em sua maioria relatando como foi inovadora a experiência de adequar-se aos novos métodos de ensino e *“aprender fazendo”* as atividades sugeridas no projeto. *“Foi desafiadora, mas muito boa! Uma outra forma de manter o processo de aprendizado e desenvolvimento de projetos”*. *“O conteúdo das aulas foi muito bom e me trouxe a refletir coisas diferentes e muito importantes. Me fez experienciar uma outra forma de contato e uma outra forma de fazer antropologia e de pensar principalmente pra quem estamos fazendo ciência. A pandemia não foi um fato bom, mas é uma situação já dada nos nossos dias, que possamos ver por outro lado e tirar coisas que somem para todes.”*

Ainda relataram que *“ajudou muito a criar uma conexão maior com o meu tema de pesquisa. Também aprendi muito com as discussões sobre patrimônio e cultura, o que me auxiliou a repensar a técnica de tecelagem e seu significado para as artesãs.”* *“Ajudou a humanizar a minha pesquisa, me fez ser a pesquisa, que o meu corpo fosse a expressão dela”*. *“Trouxe novos autores, linhas de pesquisa. As discussões em grupo foram muito agregadoras. A dinâmica de preparação das aulas ajudou pra que não ficasse algo monótono, sendo texto, filmes, vídeos, além dos convidados com seus diferentes olhares.”*

Relatos sobre os desafios do ensino remoto também foram presentes. Os principais apontavam os problemas técnicos, a adaptação a nova rotina, horas em frente a uma tela, timidez, ansiedade e dificuldade de compreender e prestar atenção à teoria em relação ao estudo presencial. *“Muito embora possam ter ocorrido algumas dificuldades do ponto de vista de tecnologia em informática, classifico minha experiência como excelente, pois o curso foi conduzido de uma forma lúdica e didática.”* *“Foi e tá sendo uma experiencia nova. Nunca tinha tido antes aulas remotas, e ao passo que me sinto mais a vontade aprendendo, também tenho mais dificuldade em me concentrar. Acredito que a questão da falta de concentração junto a ansiedade vivida desde o início da pandemia tenha sido um fator determinante na dificuldade em compreender certas questões referente a disciplina. A absorção de certas ideias, conceitos, discussões e teorias têm sido bastante difícil. Mas o lado positivo da coisa é que antes das aulas começarem, no início da pandemia, eu me sentia mal por não ter uma obrigação que me movesse, e a volta às aulas têm feito eu me sentir mais util, mais produtivo até certo ponto.”*

Também, *“o ensino remoto é mais cansativo, talvez por serem mais horas frente a tela do computador, contudo participar dos encontros diminui a sensação de estar estudando sozinho, ou de estar estudando sem propósito. Apesar dos perrengues foi uma experiência positiva.”*

Apesar dos obstáculos, todxs ressaltaram a importância de participar dos encontros, compartilhando ideias, assistindo as produções dxs colegas e ampliando horizontes. *“Ver a dedicação dos colegas, suas angústias, vergonhas, ver os desafios impostos pela rigidez acadêmica sendo superados foi a magia dessa disciplina. Hoje com meus 26 anos eu tô aprendendo que ensino e aprendizagem não é um caminho solitário: precisa das pessoas para produzir sentido, para trocar, para de fato perceber que ao erramos nós também estamos produzindo algo. Foi lindo demais, mais uma vez obrigado a todes envolvides nessas aulas maravilhosas”*.

Também destacaram que *“de fato, no princípio tive dificuldades em abrir minhas próprias produções, porém, ao ver a entrega e entusiasmo dos colegas em suas próprias produções, senti-me muito à vontade. E, no final das contas, foi um dos pontos altos do curso.”*, *“Sim. Acho que a troca de experiência é uma prática muito rica, pois sempre aprendemos uns com os outros. Adorei ver as*

produções e como cada um se sente mais à vontade para expressar suas angustias/inquietações. É importante ver outros pontos de vistas, outras abordagens, outras temáticas para que possamos ampliar nosso conhecimento e aprender com perspectivas diferentes.” “Foi super importante! Aprender juntas é essencial para a discussão e formulação de uma pedagogia democrática.”

A troca permitida pelo projeto foi percebida como uma forma de tornar o conhecimento interdisciplinar, estimulando reflexões de como tornar os conteúdos pesquisados acessíveis a diferentes públicos e exercitar a imaginação como ferramenta criativa de transpor aprendizados e conceber novas linguagens.

4. CONCLUSÕES

Os desafios que surgiram com a pandemia do novo coronavírus acarretaram transformações na vida diária de toda a população, incluindo o núcleo estudantil. Medos, angústias e incertezas em relação ao futuro foram sintomas marcantes no início do período de isolamento. A proposta do projeto com a metodologia focada nos processos criativos foi extremamente importante para estreitar os laços entre estudantes que obtinham recursos necessários para vivenciar o calendário alternativo com a academia, além de amenizar os prejuízos que a ausência das aulas presenciais causaram. As professoras estavam em processo de aprendizagem com as ferramentas e essa nova forma de transmitir conhecimento e nós enquanto estudantes também estávamos submersos nessa nova prática, sendo essa uma experiência de aprendizagem mutua. A transposição de saberes incentivou a pensarmos outros jeitos de aprofundarmos nossas pesquisas, aceitando os obstáculos de ir além da escrita. Exercitando uma espécie de troca do conhecimento, transformando e pluralizando conhecimentos e ideias. Os textos, os debates e as produções concebidas no projeto evidenciaram a importância de observarmos os campos subjetivos e refletirmos a cultura e o patrimônio através das pessoas e dos significados que elas atribuem a essas palavras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. São Paulo: Paz e Terra, 1987
- MENEZES, Marcelo. **Investigando o processo de transposição didática interna: o caso dos quadriláteros**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2004.
- SPOLLE, Marcus Vinicius; ZORZI, Analisa. **Transposição didática de sociologia: uma experiência com os alunos de ciências sociais da Universidade Federal de Pelotas**, in: Monteiro, Solange Aparecida de Souza (Org.) *As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana*, Ponta Grossa, PR. 2019.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.